
LUÍS SERGUILHA: UM POETA DO ASSOMBRO E DO REAL*

Bianca Coutinho Dias**

Na perspectiva do filósofo italiano Giorgio Agamben, em “O que é o contemporâneo”, o poeta é aquele que fixa o olhar no seu tempo para nele perceber não apenas as luzes, mas o escuro. É aquele que suspende o passo, no gesto operado no poema. No ensaio “O fim do poema”, Agamben revela o modo da poesia operar: à maneira do arado que faz a volta ao final do sulco.

Na poesia de Luís Serguilha, encontramos um poeta capaz de empreender uma poesia em suspensão, alinhado com o espaço-tempo da contemporaneidade, entrevendo limiares inapreensíveis da linguagem, como aquilo que Agamben chama de “um ainda não e um não mais”, vendo o escuro na luz, sinalizando as fraturas, habitando a linguagem com coragem, inscrevendo no mundo o assombroso vazio com uma poesia de invenção e experimentação, que recolhe pedaços do real e os faz retornar em epifanias.

É uma poesia que inventa um real e embaraça - como na escrita de James Joyce, a quem Jacques Lacan dedicou o Seminário 23: desdobrando e decompondo essa “escrita do nó”, que se apresenta como um caroço, um osso, uma ponta de real, em torno do qual a linguagem circula.

Lacan se vale do texto de Joyce para mostrar que o escritor, com sua maneira própria de lidar com a escrita, faz surgir não mais o sintoma como formação do inconsciente que se oferece à decifração e que visa uma busca do sentido, mas a letra como cifra de gozo, o que leva o psicanalista a um ponto limítrofe: “O que Joyce adianta de modo especialmente artístico é o “sinthoma”, tal que nada se pode fazer para analisá-lo”.

É nesse espaço movediço e inanalísável que se dá o encontro com a poesia de Serguilha: uma topada numa pedra, na subversão da língua, numa permanente irrupção do inconsciente, efeito de escrita. Poesia que urde impasses e acontece na articulação enigmática entre corpo e sujeito,

* Recebido em 21.07.2015. Aprovado em: 09.09.2015.

** É psicanalista, crítica de arte e coordenadora do núcleo de investigação em arte e psicanálise do Instituto Figueiredo Ferraz.

inaugurando mundos, mutilando signos, abrigando a estranheza. Nos rastros de sua poesia se formam espaços vol´ateis e formas inconclusas da subjetividade. Do desastre e do fracasso, ele descortina as fissuras, estilhaça a palavra, encontra potˆencia nas ru´inas e e roda cambaleante no labirinto do desejo.

´E uma poesia que faz com que retornemos `a produção das primeiras letras, ao primitivo que nos habita em vertigem, rememorando que o ato de escrever ´e a justaposição abismada de corpo, letra e sujeito. O corpo, tomado em sua precariedade, gera grafias que são vest´ıgios subterrˆneos do imposs´ıvel. Em sua correnteza em fluxo errante, Serguilha conduz o leitor ao movimento incerto, `a beleza dif´ıcil e que não se entrega de imediato. Nesse esbarro ´e o nosso corpo que se desarticula numa experiˆncia-limite, lançado na obscuridade do ritmo da poesia, correndo todos os riscos, entrando em contato com o abrupto, com a experiˆncia fugidia e fragment´aria de si. E ´e nesse imprevis´ıvel de uma linguagem delirante e singular que somos convocados.

Avançando na tradução dos silˆncios do deserto e em queda clandestina, sua poesia une corpo e escrita, numa er´otica particular, que sustenta o gesto que carrega em si seu pr´oprio fim. Nesse movimento rarefeito est´a alocado o irrepresent´avel, o estatuto da escrita como puro gesto, como Roland Barthes entreviu ao ler os grafismos de Cy Twombly: rastros produzidos pela força que os dedos imprimem e pelos movimentos desenhados sobre a folha em branco.

Numa esp´ecie de pintura inquieta, Lu´ıs Serguilha tamb´em desenha, `a maneira de Cy Twombly, a tradução do silˆncio, a margem que desliza fantasmag´orica sob nossos corpos, as ondas que trespasam aquilo que est´a fora da representação. Mirando na morte e acertando o enigma que incide na vida, ele assume para si o suportar o exerc´ıcio de andar por lacunas, numa esp´ecie de transe onde a escrita se aloja, transbordando em v´ısceras, escorrendo pelas bordas na tentativa de contornar o vazio.

Ao escrever com um corpo anterior `a escrita, a poesia de Serguilha chega de um ´além-mundo e nos arremessa nesse transe primitivo da palavra, no ex´ılio de toda compreensão linear e direta. Em suas inervações fabulat´orias, escancara um real que costuma viver na sombra, traz o sol para dentro da caverna, faz desmoronar sentidos em movimentos impensados. Se, como diz Barthes, na escrita h´a um corpo que se perde, para Lu´ıs Serguilha h´a não somente o corpo esfacelado pela linguagem, mas a colagem dos restos e dos escombros como modalidade escritural.

Nos interst´ıcios de sua poesia, as palavras desabam num desfiladeiro discursivo, hesitantes e firmes na queda, construindo uma subjetividade que s´o se constr´oi no movimento do devir. Nessa modalidade escritural h´a a força do rumor e incomuns grandezas po´ticas abrindo e suturando espaços subterrˆneos, abrigando dualidades d´ıspares como um andarilho das dobras, transcrevendo o horror da existˆncia, provocando novas cartografias deslumbrantes e alqu´ımicas.

Do abismo, sua poesia chega como um chamado, convocação `a vida naquilo que ela porta de incompreens´ıvel. ´E poesia, ´e espanto regenerado, ´e literatura - como em Barthes, “essa esquiwa, logro magn´ıfico que permite ouvir a l´ıngua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”.

Referˆncias

AGAMBEN, Giorgio. O que ´e o contemporˆneo? E outros ensaios. Tradução de Vin´ıcius Nicastro Honesko. Chapec´: Argos, 2009.

LACAN, Jacques. Seminário 23 – O Sinthoma. Tradução de Sergio Laia. Jorge Zahar Editor, 2007.

BARTHES, Roland. O óbvio e o Obtuso: Ensaio Críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.